

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GDE

MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA DE CARVALHO

**HOMOFOBIA: UM DESAFIO PARA A
EDUCAÇÃO**

BELO HORIZONTE

2016

MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA DE CARVALHO

HOMOFOBIA: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em GDE da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de especialização em Gênero e Diversidade na Escola - GDE.

Tutora: Laís Lopes

Professora Orientadora: Ilana Mountian

BELO HORIZONTE

2016

MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA DE CARVALHO

HOMOFOBIA: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em GDE da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de especialização em Gênero e Diversidade na Escola - GDE.

Tutora: Laís Lopes

Professora Orientadora: Ilana Mountian

Prof^a. Ilana Mountian – PUC São Paulo (Orientadora)

Prof. Leonardo Rocha – UFMG (Banca Examinadora)

Prof. Cláudio Eduardo Resende Alves – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 30 de maio de 2016.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela saúde e disposição, que me possibilitaram realizá-lo. A toda minha família que compreendeu a minha ausência e falta de dedicação; mesmo estando em casa, muitas vezes deixei de atendê-la, e ainda assim me encorajou.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me dado tanta força para passar este período, me revitalizando em todos os momentos difíceis, não me permitindo desistir.

A minha família e ao meu namorado Marcelo, por terem me apoiado incondicionalmente.

As orientadoras Laís Lopes e Ilana Mountian pela orientação, carinho e atenção. Aos colegas do curso pela amizade e momentos de alegria que compartilhamos. Aos tutores do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, que me ajudaram bastante. Obrigada!

“Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizem, temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracterize”. (SANTOS, Boaventura de Souza, 1997)

CARVALHO, Fátima Teixeira. Homofobia: Um desafio para a Educação. (Trabalho de Conclusão de Curso, Pós-Graduação). Araçuaí: UFMG, 2016.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi pesquisar e analisar em uma escola do município de Araçuaí questões relacionadas à sexualidade, homofobia, transfobia, preconceito e discriminação. E a partir do resultado elaborar um projeto de intervenção, com atividades para trabalhar com alunos e professores, com o intuito de combater o preconceito e homofobia na escola. A primeira parte refere-se a um breve relato sobre homofobia e transfobia no ambiente escolar e a vulnerabilidade da população LGBTT de Araçuaí, na escola, família e sociedade em geral. As políticas públicas afirmativas implantadas com o objetivo de garantir a cidadania e direitos humanos, incentivando o respeito à diversidade de gênero. A segunda parte refere-se à análise dos dados, as ações que foram trabalhadas com os alunos com o intuito de promover mudança de comportamento em relação aos colegas LGBTT, evitando assim práticas homofóbicas de desigualdade de gênero.

Palavras-Chaves: Adolescente. Escola. Família. Homofobia.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate and analyze in a school in the municipality of Araçuaí issues related to sexuality, homophobia, transphobia, prejudice and discrimination. And from the results develop an intervention project, with activities to work with students and teachers, in order to combat prejudice and homophobia in school. The first part refers to a brief report on homophobia and transphobia in the school environment and the vulnerability of LGBTTT of Araçuaí population, school, family and society in general. Affirmative public policies implemented in order to ensure citizenship and human rights, encouraging respect for diversity of gender. The second part refers to the analysis of the data, the actions that have worked with the students in order to promote behavior change in relation to the LGBTTT colleagues, thus avoiding practices of gender inequality homophobic.

Key Words: Teenager. School. Family. Homophobia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATB - Assistente Técnico em Educação Básica

CEB - Câmara de Educação Básica

DR^a - Doutora

DSTs - Doenças Sexualmente Transmissíveis

Ed. - Edição

FAFIDIA - Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina

GDE - Gênero e Diversidade na Escola

HAB - Habitantes

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

KM - Quilômetro

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LGBTT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

NUH - Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBTT

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

P.- Página

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE - Plano Nacional de Educação

PPP - Projeto Político Pedagógico

SEDPAC - Secretaria Estadual de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania.

SEF- Secretaria de Educação Fundamental

SRE – Superintendência Regional de Ensino

UAB - Universidade Aberta do Brasil

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	09
2- RELATO SOBRE O MUNICÍPIO DE ARAÇUAÍ.....	13
3- CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA E DA ESCOLA.....	18
4- OBJETIVOS.....	22
4.1- OBJETIVO GERAL.....	22
4.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	22
5- REFERENCIAL TEÓRICO	23
6- CRONOGRAMA	26
7- METODOLOGIAS.....	27
8- RESULTADOS..	30
9- ANÁLISE E COLETA DE DADOS.....	33
10- CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES	45
APÊNDICE A- Roteiro das Atividades	46
APÊNDICE B- Atividades Trabalhadas	47
APÊNDICE C- Questionário para a Gestora	54
APÊNDICE D- Questionário para Vice-diretora.....	56
APÊNDICE E- Questionário para Supervisora	58
APÊNDICE F- Questionário para os (as) Professores (as)	60
APÊNDICE G- Questionário para os (as) alunos (as).....	62
APÊNDICE H- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	63
APÊNDICE I- Consentimento do (a) responsável pelo (a) participante	64
APÊNDICE J- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	65
APÊNDICE K- Imagens das Atividades	66

1- INTRODUÇÃO

Meu nome é Maria de Fátima Teixeira de Carvalho, nasci no dia 19 de agosto de 1974, em Araçuaí, cidade onde resido. Curso especialização em Gênero e Diversidade na Escola – GDE, pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG no polo da Universidade Aberta do Brasil – UAB em Araçuaí.

Trabalho há 21 anos na função de Assistente Técnico de Educação Básica – ATB na Escola Estadual Frei Rogato, sou graduada em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina – FAFIDIA.

Apresento o meu trabalho de conclusão do curso, realizado na Escola Estadual Pedro Moura do município de Araçuaí para obtenção do título de especialização no referido curso.

Darei início ao texto com a definição do termo homofobia que é o tema do meu trabalho.

Segundo Junqueira (2007), o termo homofobia surgiu durante os anos 70 nos Estados Unidos cunhado pelo psicólogo clínico George Weinberg. O termo costuma ser empregado quase que exclusivamente em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas. Essas emoções, em alguns casos, seriam a tradução do receio (inconsciente e “doentio”) de a própria pessoa homofóbica ser homossexual (ou de que os outros pensem que ela seja). Assim, seriam indícios (ou “sintomas”) de homofobia, o ato de se evitarem homossexuais e situações associáveis ao universo homossexual, bem como a repulsa às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Essa repulsa, por sua vez, poderia se traduzir em um ódio generalizado às pessoas homossexuais ou vistas como homossexuais.

A pesquisa "Juventudes e Sexualidade", publicada pela UNESCO em 2004 e aplicada em 241 escolas públicas e privadas do Brasil, mostra que, entre os pesquisados, 39,6% dos meninos não gostariam de ter um colega de classe homossexual. Dados compilados pelo Grupo Gay da Bahia indicam que o Brasil teve cerca de 200 assassinatos relacionados à homofobia em 2009. O número é 4,5%

maior do que o de 2008, quando o país teve 189 homicídios de homossexuais. Um estudo da Fundação Perseu Abramo (2008-2009), no qual 413 homossexuais e bissexuais com mais de 18 anos foram ouvidos, apontou que um terço dos entrevistados já havia sido discriminado por familiares. Diante dessas afirmações é possível concluir que a população LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros) sofre violência e agressão física e moral, tanto no âmbito familiar quanto escolar, e no social como um todo.

O Brasil é um país plural e, conseqüentemente, a escola é o lugar da sociedade onde mais se agrega essa pluralidade, por isso é importante abordar o tema da sexualidade, gênero, bem como os diferentes tipos de gêneros nas salas de aula para que possam compreender que é necessário e importante respeitar às diferenças existentes, visto que a informação é primordial para quebra do preconceito. Se a escola tiver o cuidado e a preocupação em informar seus alunos, não só o ambiente escolar desfrutará dos benefícios, mas estará preparando-os para viver em uma sociedade harmônica, na qual todos sejam capazes de respeitar as diferenças.

Sobre o reconhecimento dessa grande diversidade, a escola tem um grande desafio pontuado pelos PCNs:

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de aprendizagem de que as regras do espaço público permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes. (BRASIL, 1997).

A sexualidade nos últimos tempos se tornou objeto de amplas investigações e está voltada para a educação, visto que as instituições escolares sempre tiveram uma tendência a invisibilizar a sexualidade em um jogo de pressupostos e silêncios. Como se fosse possível despi-la e deixá-la em casa, como se não fizesse parte do sujeito, pretendendo que o sujeito anulasse totalmente a sua sexualidade ao ultrapassar os portões da escola. O seu desenvolvimento está inteiramente ligado ao desenvolvimento integral e representa uma parcela muito importante que estrutura a personalidade de cada ser. À medida que situações de homofobia acontecem no ambiente escolar, de violências tanto física como verbais devido às manifestações

de identidade de gênero de algum (a) aluno (a) e o tema é negligenciado, deixa-se passar a oportunidade de uma intervenção que repudie as práticas discriminatórias e homofóbicas. Se a escola ou o professor não abordam o tema, ou quando abordam desqualificam e estigmatizam as expressões de identidades de gêneros, não será na escola que jovens gays, lésbicas, travestis dentre outras identidades de gêneros existentes, encontrarão uma referência para compartilhar suas dúvidas, incertezas e angústias sobre a sexualidade e não poderão vivenciá-la e expressá-la no ambiente escolar sem o temor de serem julgados. Pois sabem que estão fora dos padrões de comportamento considerados normais que a escola ainda insiste em manter.

Sobre a postura da escola em silenciar e manter a heteronormatividade Guacira Louro (1997) diz:

Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda 'eliminá-los', ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas 'normais' os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da 'norma'. (p. 67-68).

A escola, ao contrário do que possa parecer, não é um local neutro, homogêneo, universal. Cada escola é um lugar repleto de peculiaridades, valores, rituais e procedimentos que lhe são próprios. Ainda que certos elementos estejam presentes de uma maneira aparentemente uniforme, a escola é um lugar de produção, criação e reprodução de cultura, de valores, de saberes: tempo (espaço de encontros, tensões, conflitos, preconceitos). (BRASIL, 2006). Ela comporta os ordenamentos legais para seu funcionamento, assim como comporta, cada qual à sua maneira (com seus limites e possibilidades), a ação das pessoas.

Atualmente vivemos em uma sociedade complexa, que nos apresenta inúmeros desafios, em especial as várias manifestações de identidade de gênero e vivências de sexualidade que não podem ser ignoradas por nenhuma instituição, em especial pelas instituições de ensino. A escola é o local onde reúne pessoas das mais variadas identidades de gêneros e a desigualdade de gênero, está explícita nas atitudes manifestadas pelas pessoas. É muito comum situações em que os (as) alunos (as) que são identificados como homossexuais serem humilhados, ridicularizados e rejeitados no ambiente escolar, devido discriminações, brincadeiras e apelidos depreciativos com os mesmos (as). Por causa dessas situações está cada vez mais evidente a necessidade das instituições educacionais, como um lugar

decisivo, contribuir promovendo ações de enfrentamento, pautadas no respeito à diversidade, com o intuito de coibir e acabar com as situações de homofobia que é uma constante nas escolas. Os PCNs (BRASIL, 1998) apontam que a maneira dos professores conduzir a orientação sexual influencia positivamente nas relações entre os alunos:

Experiências bem-sucedidas com Orientação Sexual em escolas que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, os professores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula. No caso dos adolescentes, as manifestações da sexualidade tendem a deixar de ser fonte de agressão, provocação, medo e angústia, para tornar-se assunto de reflexão (p.300).

A demanda por trabalhos na área da sexualidade se faz cada vez mais urgente na escola, pois sabemos que as famílias têm dificuldade em falar sobre esse assunto com os filhos (as). Percebe-se a angústia das famílias ao procurar a escola para tratar do assunto sobre a sexualidade dos (as) filhos (as). Elas caracterizam como um problema para as famílias e, conseqüentemente, passam toda essa angústia para os filhos (as) que se sentem como se realmente fossem um problema. Por isso, a escola deve estar preparada para receber esses sujeitos com suas peculiaridades evitando que situações discriminatórias aconteçam e reflitam mais negativamente como acontece de terem baixo rendimento escolar ou evasão. O trabalho de desconstrução se faz necessário, pois não se trata da questão só de tolerar e respeitar e sim de desconstruir a legitimação da normalização de gênero existente no currículo, material didático, na conduta dos professores (as) da escola e até mesmo dos (as) alunos (as).

Partindo dessa premissa e tendo em vista que esta instituição agrega pessoas com diferentes identidades de gênero e orientações sexuais, tanto no corpo docente quanto discente, propus a realização de um projeto de intervenção que possa desenvolver ações críticas, reflexivas e educativas para os professores de todas as disciplinas, que, como membros da comunidade escolar, têm o dever de participar e ajudar a definir os rumos e os objetivos da educação apresentando argumentos que possam qualificar os seus conhecimentos e ficar atentos a expressões de preconceitos e inibir toda forma de violência diante da manifestação de toda sexualidade que rompa com o processo de sustentação e manutenção da heteronormatividade.

2- RELATO SOBRE O MUNICÍPIO DE ARAÇUAÍ

O Município de Araçuaí está localizado no Nordeste do Estado de Minas Gerais, na microrregião do Médio Jequitinhonha, bem no centro do Vale do Jequitinhonha, a uma distância de 678 km da capital Belo Horizonte. A área do município corresponde a 2.236 km², abrigando uma população de 37.220 habitantes resultando em uma densidade demográfica de 15,9 hab/km² (IBGE, 2000). A cidade de Araçuaí oferece uma série de serviços e, por isso, polariza vários municípios do Médio Jequitinhonha.

A população LGBTT de Araçuaí apresenta vulnerabilidade social, que se acentua ao atingirem crianças e adolescentes. A partir do momento em que se identificam ou são identificados com um gênero que não seja hetero, percebem-se como seres inferiores, incapazes, desvalorizados, sem o reconhecimento social mínimo que os faça crer em seu próprio potencial como ser humano. A retenção e a evasão escolar acrescentam aos problemas sociais, acarretam o analfabetismo e, por conseqüência, a carência do preparo adequado para o ingresso na sociedade. O acesso ao ensino superior e a inserção no mercado de trabalho é uma realidade muito distante para essa população, muitos migram para os grandes centros em busca dessas oportunidades, visto que aqui há uma rejeição severa dessa população. De acordo com Parker (2002), em sua análise da migração LGBTT pelo Brasil e mundo afora, a busca pela liberdade sexual não é o único motivo da busca pela "cidade grande", ainda que a fuga da vigilância nas cidades menores seja um fator também importante. A busca pela prosperidade e pela modernidade, também presente em outros grupos de migrantes, são fatores a serem ressaltados na migração sexual: mesmo que os indivíduos continuem pobres, a diversidade e a velocidade da vida nas grandes cidades são preferíveis para muitos homossexuais que vêm para elas.

É inegável e perceptível como a classe social é um fator determinante e influencia no tratamento e respeito das pessoas LGBTT, facilitando ou dificultando à convivência em sociedade e, conseqüentemente, as oportunidades de crescimento e melhoria de vida que variam de acordo com a situação socioeconômica. Segundo Albuquerque Júnior e Ceballos (2002), semelhante à sociedade em geral, as diferenças de classe também são encontradas dentro das comunidades LGBTT,

reforçando uma hierarquia de classe que se reflete sobre os espaços da cidade com estabelecimentos distintos para pessoas provenientes das classes mais altas e outros voltados para pessoas das classes mais baixas. De acordo com Parker (1999), a cidade do Rio de Janeiro é um bom exemplo deste tipo de hierarquia, uma vez que o uso de locais públicos na cidade muda drasticamente de acordo com a classe social. Ainda usando o Rio de Janeiro como exemplo dessa diferença de classe dentro das comunidades LGBTT, Marsiaj (2003), observa que: “existem claras diferenças nos níveis de segurança, aceitação e glamour entre os espaços públicos em bairros mais nobres como Ipanema e Leblon, e aqueles em bairros mais populares na Zona Norte e Zona Oeste” (p.42). A interseção de classe social com sexualidade produz hierarquização e segregação, o que reforça ainda mais a marginalização das classes mais pobres.

A cidade de Araçuaí foi contemplada com os seguintes Programas do Governo Federal: Educação Sem Homofobia em sua terceira edição que teve início em maio de 2012 para capacitar prioritariamente professores de ensino fundamental e médio para lidarem com questões relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero em sala de aula e nas comunidades onde atuam. Em 2013 nos dias 28 e 29 de novembro aconteceu o IV Seminário LGBTT e Cidadania do Vale do Jequitinhonha com o objetivo de buscar modos de superar a exclusão das pessoas LGBTT e garantir a cidadania e seus direitos humanos. Os eventos foram organizados pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBTT (NUH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em parceria com prefeituras, grupos locais do movimento social LGBTT e com o Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha e financiado pelo Ministério da Educação. Em 2015 Direitos Humanos – 1ª Conferência LGBT de Araçuaí e Região, no dia 05/10 (segunda feira), a partir das 8h, a cidade sediou a “1ª Conferência de Políticas Públicas e Direitos Humanos para a população LGBT de Araçuaí e Região” e teve como tema “Por Um Brasil Que Criminalize a Violência Contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais”.

Esta conferência contribuirá com a visibilidade que o tema merece ter, para somar esforços de todos os segmentos da sociedade e traçar propostas no âmbito dos Direitos Humanos para as pessoas LGBT. É preciso entender a importância de avanços nas políticas pública voltadas para a população LGBT. Promovido pelo Governo de Minas, organizado pela Coordenadoria Estadual da Diversidade Sexual

da Secretaria Estadual de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania – SEDPAC.

Mesmo havendo algumas políticas públicas afirmativas, leis, resoluções, decretos tais como: Lei de diretrizes e bases da educação nacional LDB 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, Parâmetros curriculares nacionais PCNs – 1997, Organizações sociais – 1997, Resolução CEB nº 2, de 7 de abril de 1998, Ministério da Administração e da Reforma do Estado – 1995, Planejamento político-estratégico 1995/1998, Plano Nacional de Educação – PNE, 25 de Junho de 2014, dentre outras que regulamentam a Educação Sexual, que, tem como objetivo diminuir a vulnerabilidade social e combater a discriminação, incentivando o respeito à diversidade sexual, a escola não conseguiu estar em consonância com os norteadores que constituem os deveres da escola e se organizar para fazer um trabalho que contemple os benefícios e direitos que assegurem a permanência dos alunos LGBTTT na escola de modo a garantir que direitos não sejam violados. Os professores não possuem formação específica para tratar sobre sexualidade e são advindos de uma educação e cultura carregadas de preconceitos, que reforçam a heteronormatividade bem como a normatização de gênero. A respeito da postura dos educadores em relação às questões de gênero, Os Temas Transversais Brasil SEF (1998) diz:

A postura dos educadores precisa refletir os valores democráticos e pluralistas. Em relação às questões de gênero, por exemplo, os professores devem transmitir, por sua conduta, a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, eles próprios respeitam a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantem o respeito e a participação de todos, explicitando os preconceitos e trabalhando pela não-discriminação das pessoas (p.303).

A escola contribui para a produção de comportamentos que instituem diferenças e desigualdade de gênero promovendo situações de vulnerabilidade dos alunos. Sobre a postura da escola frente à essa situação Guacira Louro (1997) discorre:

A escola contribui largamente para esta naturalização dos comportamentos e vulnerabilização dos sujeitos, quando não revê o seu currículo, quando mantém a fixidez e a rigidez dos programas escolares, quando não se dispõe a uma problematização ampla e complexa das desigualdades que vão se construindo em torno das diferenças de gênero, sexualidade, raça e classe. Assim, o que pode ou não ser dito na escola passa a constituir e atravessar as nossas práticas e o que pensamos, em função disso, “temos de estar atentos/as, sobretudo, para nossa linguagem procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela freqüentemente carrega e institui” (p. 64).

Os Temas Transversais Brasil SEF (1998) remete à necessidade de formação específica para os professores estarem aptos à lidar com a sexualidade dos alunos:

É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens: preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. (p. 303).

Já as famílias, por vezes, são confrontadas com situações em que não sabem como agir, questionando-se com freqüência de que forma podem ajudar os (as) filhos(as). Em muitos lares as conversas sobre sexo e sexualidade dos jovens continuam sendo completamente marginalizadas por preconceitos familiares, falar de sexo sempre foi um tabu. É um tema que leva ao julgamento moral, ao medo, pois vivemos em uma sociedade marcada por padrões e preconceitos, na qual as famílias têm suas limitações pessoais, morais e temem muito falar o que não devem e, influenciar negativamente na vida sexual dos (as) filhos (as).

De acordo com Almeida et al.,(2005) enfatizam que as questões relativas à sexualidade ainda provocam temores, já que trata-se de um diálogo entre diferentes gerações e as famílias nem sempre compreendem que seus valores e idéias não vão mais de encontro às necessidades de seus(as) filhos (as). É certo que a preocupação da maioria das famílias é proteger os (as) filhos (as) de uma vida sexual frustrante. E muitas talvez o façam por experiência própria, só que a carga de tabus e preconceitos que eles carregam criam determinadas imposições que acabam com o diálogo e prejudicam cada vez mais a relação entre famílias e filhos (as). Como se falar sobre sexualidade fosse uma forma de influenciar seus (as) filhos (as) a serem homossexual ou qualquer outro gênero fora da heteronormalidade e que frustre a expectativa das famílias. Em consonância com Savin-Williams (2004), a revelação da homossexualidade de um (a) filho (a) é extremamente perturbador para um sistema familiar heterossexual. O estresse é particularmente crítico quando a família pensava que realmente conhecia intimamente aquele (a) filho (a) (ou irmão) e produz reações de crise que afetam o equilíbrio familiar de todos os envolvidos. As famílias normalmente reagem com

choque, raiva e sentimentos de culpa, mas também podem demonstrar negação ou vergonha. Irmãos em geral respondem com raiva e confusão e podem desenvolver um distanciamento afetivo em relação ao (a) irmão (a) gay ou lésbica. Nos piores casos, o (a) jovem pode concretamente passar a "viver com o inimigo", correndo o risco de sofrer abuso físico ou verbal, ou mesmo de ser expulso de casa.

A ausência da Educação sexual no ambiente familiar é mantida porque nela permanece a ideia de filhos "assexuados" Tiba (1994); Trindade e Bruns (1999). Embora nossa civilização tenha, nos últimos anos, vivido alguns momentos de maior liberalidade em relação aos comportamentos sexuais dos jovens, a sexualidade ainda é considerada exclusiva do mundo adulto e isso significa um controle do exercício da sexualidade das crianças e adolescentes.

A desinformação e a insegurança são a causa da dificuldade das famílias em falar sobre o assunto. Nesse sentido, Foucault (1988) nos esclarece o quanto a sexualidade passou a ser controlada:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na mesma seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. (p. 9-10).

3- CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA E DA ESCOLA

A Escola Estadual Pedro Moura selecionada para desenvolver o Projeto de Intervenção, é uma escola da rede pública do Município de Araçuaí, mantida com recursos público, oferece três níveis de ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e o Curso Normal em Nível Médio. Ela está situada em um bairro próximo do centro da cidade e sempre acolheu uma clientela de bairros periféricos, de pessoas de classe social pobre e da Zona Rural do Município.

A escola conta com uma boa estrutura em salas de aula e material para trabalho, espaço amplo que comporta satisfatoriamente o número de alunos (as) matriculados (as), biblioteca com um acervo rico em obras de literatura nacional. Laboratório de informática com espaço e material hábil para o trabalho com aulas práticas das disciplinas que utilizam tal recurso, espaço reservado para atividades docentes (sala de professores (as), secretaria, orientação educacional, direção) e quadra de esportes para atividades físicas.

A escola é limpa, tem boas condições de higiene, no entanto os banheiros dos alunos, tanto o masculino quanto o feminino, têm as paredes e portas pichadas com palavrões e mensagens ofensivas direcionadas a determinados (as) alunos (as). A segurança é uma preocupação, mesmo com portas e janelas reforçadas com grades, ainda há invasão e furto dos equipamentos tecnológicos. Adolescentes que não são matriculados na escola transitam livremente e tumultuam o ambiente escolar, sendo necessário recorrer ao Conselho Tutelar para encaminhá-los para suas famílias e manter a ordem e bom andamento das atividades na escola.

Os dados sobre o perfil da comunidade atendida pela escola foram obtidos através de entrevista com a diretora, vice-diretoras, supervisoras e professoras que atuam na escola há mais de sete anos, também foram utilizadas as respostas dos questionários, apêndices C p.54, D p.56 e E p.58.

A escola atende uma clientela que provém de mães domésticas, garis, diaristas, descarregadores de caminhões, lavradores, pedreiros e desempregados, estes últimos sobrevivendo de programas de transferência de renda do governo federal, como o Bolsa Família. A outra parte dos alunos provém de famílias com situação econômica razoável onde a mãe ou o pai tem um emprego fixo que garante o sustento e condições básicas de sobrevivência.

Diante dessa realidade, pode-se notar que a situação socioeconômica da maioria das famílias é precária. Há carência alimentar, de moradia adequada, saúde e vestuário. Em alguns casos, a renda familiar gira em torno de um salário mínimo ou menos. Em meio a essas dificuldades, está também a violência doméstica, agravadas pelo machismo e pelo uso abusivo de álcool e outras drogas.

Por se tratar de famílias de baixo poder aquisitivo, muitos de nossos alunos trabalham e ajudam em casa vendendo picolé, salgados, limpando quintais e carregando feiras. Outros, quando não estão na escola permanecem na rua brincando ou mendigando nas portas dos supermercados e padarias, sofrendo influências, principalmente negativas por parte pessoas, que os incentivam a cometer pequenos furtos até mesmo dentro da própria escola. Os (as) alunos (as) que residem na Zona Rural utilizam-se do transporte escolar da rede pública municipal (ônibus).

Pelo fato de alguns (as) alunos (as) conviverem com a violência nos lares e fora deles, que às vezes afetam a autoestima, existe ainda as drogas lícitas e ilícitas de fácil acesso, alto índice de gravidez na adolescência dentre outras situações que alteram o comportamento dos (as) alunos (as), tornando-os (as) agressivos (as) e resultando em situações desagradáveis na escola, tais como: desrespeito às normas, aos professores (as), colegas e demais funcionários (as), falta de atenção, dificuldade de concentração e de aprendizagem tendo como consequência o baixo rendimento escolar.

Além de todos esses problemas ainda tem um agravante, a manifestação das identidades de gênero de alguns (as) alunos (as) que não é bem vista, aceita e respeitada pelos colegas, o que gera conflitos e contribui para aumentar a indisciplina escolar. Os (as) professores (as) se sentem fragilizados, impotentes sem saber como agir para minimizar os efeitos e as práticas de homofobia e preconceito que ocorrem dentro do espaço escolar.

Todos esses problemas interferem de forma significativa no desempenho, na escola, nas relações com o outro e na forma como enfrentam a sociedade. No entanto a escola conta com profissionais comprometidos que tentam, da melhor maneira possível ensinar e discutir noções de cidadania com os (as) alunos (as). Procurando, assim, criar condições para que tenham uma formação ética e humana, construída a partir de um trabalho inclusivo e ativo, promovendo o respeito no intuito de criar um espaço de interação entre os (as) alunos (as) da escola.

A escola busca apoio em parceria com o Conselho Tutelar, Polícia Militar, Promotoria, Órgãos Desportistas, Igrejas, Centros Comunitários e outros. Estes prestam auxílio através de palestras e acolhimento, encontros de lazer e práticas desportivas. Existe uma forte ligação e parceria entre comunidade escolar e os órgãos parceiros, uma vez que são cedidos espaços para realização de eventos.

Apesar de tantos problemas, os alunos quando incentivados, desempenham com eficiência atividades lúdicas, jogos e brincadeiras. Na execução de projetos, demonstram maior interesse por atividades relacionadas à inteligência corporal-cinestésica. Montam coreografias ritmadas, participam de grupos de dança de rua, jogam capoeira e têm muito interesse pela prática de esportes de maneira geral, sendo as aulas de Educação Física as mais preferidas por eles.

O lar e a escola não se configuram como espaço acolhedor e de afeto, mas sim de sofrimento físico e psicológico. Em virtude do descaso ou, até mesmo, pelos atos de violência física e emocional sofridos em seus próprios lares e na escola, os (as) adolescentes buscam em outros espaços um meio de sobrevivência que os distancie da dura realidade de seus lares e da escola. Segundo Junqueira (2007), as violências a que estas pessoas que não se enquadram na norma heterossexual estão sujeitas se potencializam continuamente, incluindo desde a expulsão da família que os priva de seu afeto desde muito cedo, até “outras formas de violência por parte de vizinhos, conhecidos, desconhecidos e instituições” (p.61).

No entanto alguns desses (as) adolescentes, muitas vezes enfrentam situações semelhantes ou piores ao deixarem seus lares, e devido a vulnerabilidade em que estão expostos, tentam amenizar com o uso de álcool, drogas e a prostituição se configura como um meio de sobreviver. Souza (2009) e Sampaio (2008) constataram que a prostituição é a fonte de renda mais comum entre as travestis. Sampaio (2008) ressalta ainda que a maioria das travestis apresenta baixa escolaridade, o que impossibilita a inserção no mercado formal de trabalho. A discriminação, muitas vezes combinada com o preconceito étnico racial, também constitui uma das barreiras que impossibilitam outra fonte de renda além da prostituição. Sampaio (2008), afirma que:

Na maioria dos casos, a prostituição, acaba sendo a única alternativa de prover as necessidades materiais. Para a travesti, a prostituição também significa estabelecer laços afetivos, pois dentro desse cenário há possibilidades de contato com pessoas que vivem nas mesmas condições, ou seja, as travestis formam uma rede social na qual podem trocar

elementos de feminilidade com o objetivo de aprimorar a construção da sua identidade.(p.2).

É uma situação preocupante, visto que esses ambientes, lar e escola são os principais contextos do desenvolvimento humano, com funções socializadoras distintas, mas apresentam aspectos comuns, a tarefa de preparar os sujeitos para a vida socioeconômica e cultural. Ainda que nesses espaços esteja presente uma diversidade de gênero, percebe-se a dificuldade que se tem em aceitar e compreende-la.

4- OBJETIVOS:

4-1- OBJETIVO GERAL:

- Refletir e sensibilizar alunos (as) e professores (as) sobre as várias identidades de gênero existentes, com o intuito de desconstruir preconceitos e a homofobia na escola, propor uma intervenção com os professores de todas as disciplinas e definir as atividades para trabalhar junto aos alunos.

4-2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Utilizar a escola como espaço de reflexão sobre diversidade de gêneros e relacionamentos.
- Conscientizar que a afetividade entre pessoas do mesmo sexo deve ser respeitada.
- Implementar e referir as pessoas trans pelo nome de identificação escolhido e o direito de usar o banheiro de acordo com a identidade de gênero, bem como garantir o nome social escolhido por eles (as).
- Identificar e discutir as diversas formas de preconceito e agressão em relação aos alunos LGBTT.
- Reconhecer as diferentes formas de orientação sexual afetiva e as distintas manifestações de gênero e de sexualidade.
- Investigar a atuação do professor frente aos casos de homofobia, lesbo-transfobia e transfobia considerando as interações dos alunos em uma escola pública do Município de Araçuaí.

5- REFERENCIAL TEÓRICO:

Para Foucault, em 1976, a "sexualidade" não é um dado da natureza, mas o nome de um dispositivo histórico, datado da metade do século XVIII: o dispositivo de sexualidade. Trata-se de uma rede trançada por um conjunto de práticas, discursos e técnicas de estimulação dos corpos, intensificação dos prazeres e formação de conhecimentos (FOUCAULT, 1980, p.100). Esse dispositivo teria se estabelecido como meio de afirmação da burguesia, que não desqualificou ou anulou seu corpo, instituindo-o, antes, como fonte de inquietação e cuidado. Se anteriormente a nobreza se distinguia pelo "sangue", a burguesia marcou sua diferença e hegemonia atribuindo-se um corpo específico com saúde e higiene. A valorização de seus prazeres e a proteção de seu corpo contra perigos e contatos, além de garantirem seu vigor, descendência e longevidade, serviam como emblema de respeito e poder social. Afinal, diz Foucault, sua supremacia, além de depender da exploração econômica, requeria uma dominação física, já que "uma das formas primordiais da consciência de classe é a afirmação do corpo; [...] (a burguesia) converteu o sangue azul dos nobres em um organismo são e uma sexualidade sadia" (FOUCAULT, 1980, p. 119).

A respeito de toda a complexidade referente a sexualidade e os aspectos biológicos das pessoas Costa et al. (2001) definem genitalidade como sendo um conjunto de aspectos ligados somente aos órgãos da reprodução, caracterizando estes como a localização das satisfações eróticas. Dessa maneira, os autores entendem que a sexualidade, além do aparato biológico, inclui também aspectos afetivos, amorosos, além de outros fatores relacionados à história de vida e a valores culturais do sujeito.

Geralmente as sociedades são marcadas por desigualdade de gênero, onde homem e mulher têm funções e atribuições distintas, de acordo com o sexo, essa distinção é evidente na família, escola e nos espaços públicos em geral. Para cada sexo já está preestabelecido um conjunto de regras desde o nascimento, a começar pela cor da roupa, tipo de brinquedo, brincadeiras, modo de se comportar dentre outros, conseqüentemente a distribuição do poder e as oportunidades não são iguais, pois os papéis relacionados aos homens e mulheres são definidos de acordo com o que é considerado desejável por uma determinada sociedade, é uma questão

cultural. Sobre a desigualdade de gênero e espaço diferenciado que a escola atribui para meninos e meninas, Monserrat Moreno (1999) diz o seguinte:

A imagem da mulher e do homem que se passa aos alunos por meio dos conteúdos do ensino contribui intensamente para formar seu eu social, seus padrões diferenciais de comportamento, o modelo com o qual devem identificar-se para ser “mais mulher” ou “mais homem” e, informá-los, por sua vez, da diferente valoração que nossa sociedade atribui aos indivíduos de cada sexo (p.35-36).

A escola produz essa desigualdade de gênero ao manter o discurso sexista/heterossexual, quando silencia diante das práticas homofóbicas, anula o sujeito não se permitindo sair do que chamamos de heteronormatividade compulsória. Percebe-se no material didático, currículo, atividades, nas ações e reações das pessoas que a escola não está aberta e preparada a essas novas concepções de gênero, e agindo dessa forma, produz e reproduz discriminação, preconceito, homofobia, transfobia e todo tipo de violência que se trata da questão de gênero. A escola não deve permitir que seus (as) alunos (as) fiquem com idéias tão pouco evoluídas em relação à sociedade e a diversidade de gênero nela existente. O papel da escola é analisado por Monserrat Moreno (2003):

A escola pode contribuir para esse trabalho, analisando conjuntamente com as alunas e os alunos os papéis que a sociedade atribui a cada sexo (estudando os modelos que a televisão e as histórias em quadrinhos apresentam, realizando pesquisas, etc.) e ajudando-os a descobrir o que de bom e de mau tem cada um, mas, sobretudo, a limitação imposta a cada pessoa ao ter de se submeter aos estereótipos que a sociedade, gratuitamente, impõe ao seu gênero (p.23).

A escola comporta um número bem significativo de alunos (as) de várias identidades de gênero, e percebe-se que dentro das possibilidades ainda que precárias de acordo com o conhecimento e entendimento que tem sobre gênero, os acolhe muito bem. Boa parte dos educadores diante de uma situação de homofobia/preconceito manifesta de forma a restabelecer o respeito com relação ao insultado, mas ainda há uma parte que silencia, ignora totalmente a situação ou fazem comentários tendenciosos deixando transparecer suas visões conservadoras e preconceituosas. Portanto de acordo com os acontecimentos do dia a dia é notória uma evolução ainda que tímida no comportamento de alguns (as) educadores (as), que buscam informações em livros, textos, filmes dentre outros materiais sobre relações de gênero, visto que o tema está explícito nos meios de comunicação e é

tratado com pouca relevância na escola. Percebe-se que a necessidade de tratar séria e abertamente sobre o assunto está cada vez mais urgente nas escolas, pois estamos diante das diferenças e não devemos negligenciá-las. Sobre como o professor deva proceder diante de uma situação de preconceito Miskolci (2010) diz:

As práticas educativas para lidar com a diversidade sexual são um experimento promissor. Se, por exemplo, diante de uma situação em que um menino rompe uma convenção de gênero e sofre uma repreensão da turma, digamos um xingamento, o educador ou educadora se manifestar adequadamente, restabelecendo o respeito com relação ao insultado, isso contribuirá para que, ao invés da emergência de um corpo estranho na sala de aula, todos se deparem com uma forma diversa de agir e de pensar (p. 87).

A escola tem como missão aperfeiçoar a vida da família e de outras instituições, é extremamente importante a boa relação entre escola e família, o ideal é que se estabeleça uma relação de confiança e ajuda mútua a fim de evitar a ocorrência de homofobia tanto no âmbito familiar quanto escolar.

Recentemente uma pesquisa divulgada pela Fundação Perseu Abramo e Instituto Rosa Luxemburgo, a pesquisa “Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil: Intolerância e respeito às diferenças sexuais” aponta que gays e lésbicas, relatam ter sofrido pela primeira vez discriminação homofóbica por “colegas de escola” (13%), seguido de “familiares” (11%) e “pais” (10%), corroborando a idéia de que o ciclo de marginalização e exclusão a que estes segmentos estão mais vulneráveis, passa irremediavelmente pela escola e pela família. (Castro, Abramovay & Silva, 2004, p. 280).

A escola deve, portanto, buscar alternativas, ampliar seus conhecimentos para receber todos os sujeitos com as suas peculiaridades/individualidade, com o intuito de construir relações sociais sólidas, cuja base seja igualdade social. Sobre o comportamento da escola Junqueira (2009). faz a seguinte abordagem:

As visões encantadas a cerca do papel transformador e redentor da escola têm sido fortemente desmistificadas. Temos visto consolidar-se uma visão segundo a qual a escola não apenas transmite ou constrói conhecimentos, mas o faz reproduzindo padrões sociais, perpetuando concepções, valores e clivagens sociais, fabricando sujeitos (seus corpos e suas identidades), legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulação. (p. 14).

6- CRONOGRAMA

Data	Horário	Atividades
01 a 06/10/15	09:00 e 15:00	Aplicação dos questionários para diretora, vice-diretoras, supervisoras e professores (as).
07 e 08/10/15	15:00	Reunião pedagógica, definição das atividades e horários para serem realizadas.
05/11/15	09:00	Exposição para os alunos sobre as razões e o objetivo do projeto (por turno) e aplicação do questionário.
19 e 20/11/15	07:00	Realização das atividades com os alunos.
23 e 24/11/15	07:00	Realização das atividades com os alunos.
02/12/15	09:30	Palestra com membro do "Grupo da Diversidade" do movimento LBTT da cidade de Araçuaí.

7- METODOLOGIAS:

Trata-se de um Projeto de Intervenção desenvolvido na Escola Estadual Pedro Moura do município de Araçuaí. Ela está situada em um bairro próximo do centro da cidade.

Primeiro foi realizado um contato com a direção e supervisoras da escola, apresentei a proposta e os objetivos do Projeto de Intervenção, solicitei o preenchimento do questionário semi-estruturado, apêndices C p.54 e E p.58, expus a importância de ampliar com os alunos (as) e toda comunidade escolar as discussões sobre gênero e sexualidade, com o intuito de promover mudança de comportamento em relação aos colegas LGBTT, evitando assim práticas homofóbicas e desigualdade de gênero.

Posteriormente, o contato foi feito com os (as) professores (as), apresentei a proposta de pesquisa, solicitei o preenchimento do questionário, apêndice F p.60 de continuidade as atividades de planejamento do Projeto de intervenção.

O questionário dos (as) professores (as) apêndice F p.60, conteve questões referentes às identidades de gênero, com o objetivo de obter informações que os (as) professores (as) têm acerca da temática em questão, ou seja, de identidades sexuais, diversidade sexual e de gênero e situações de homofobia e preconceito que possam ter presenciado. As entrevistas foram escritas e a identidade dos (as) participantes preservada a fim de garantir sua privacidade.

Para obter dados e informações para planejar e executar o projeto de intervenção realizei uma pesquisa de campo qualitativa, através de entrevista, preenchimento de questionário, leitura do Projeto Político Pedagógico, Regimento e Planejamento dos (as) Professores (as), conversas informais e observação do espaço escolar. Tais procedimentos serviram como base para a exploração de alguns fatos e ponto de partida da ação, uma vez que a mesma contribuiu para o conhecimento da realidade da escola, em relação a população LGBTT.

A pesquisa procedeu à observação de fatos e fenômenos como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e análise e interpretação desses dados, permeados pela pesquisa bibliográfica e documental, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado.

Para coleta de dados elaborei um roteiro para as atividades apêndice A p.46, realizei entrevistas semi-estruturadas com a diretora, vice-diretoras, supervisoras, professores (as), conforme apêndices C p.54, D p.56, E p.58 e F p.60. A partir das respostas que obtive, eu e os (as) professores (as) nos mobilizamos para a construção do Projeto de Intervenção. Compartilhamos as perguntas entre a equipe e nos organizamos de modo que todos pudessem participar e contribuir para a execução das atividades.

Reunimos e definimos as ações que foram aplicadas para que a intervenção se tornasse uma forma de repensar as práticas pedagógicas e fossem entendidas como uma especificidade ampla, que não correspondesse somente à transformação das turmas trabalhadas, mas de forma geral toda a unidade e aplicada ao longo do tempo, implementando diretrizes para o enfrentamento da homofobia e transfobia, afinados com o Projeto Político Pedagógico da escola, e que as ações asseguradas refletissem e reproduzissem uma visão coletiva para transformar este cenário.

A população alvo se constituiu de 63 alunos (as) do terceiro ano do Ensino Médio com idade entre 16 e 19 anos, nas turmas onde se tem uma quantidade bem significativa de alunos (as) que se identificam ou são identificados (as) como homossexuais e transsexuais e há reincidência muito grande de reclamações por parte dos (as) alunos (as) de situações de homofobia praticadas pelos (as) colegas, com apelidos depreciativos e brincadeiras constrangedoras devido à manifestação da identidade de gênero dos (as) mesmos (as).

Definido o público alvo, o próximo passo foi explicar aos (as) alunos (as) o objetivo da pesquisa, apresentei o projeto de intervenção e os (as) convidei a participar do estudo, respondendo o questionário, apêndice G p.62. Pedi que deixassem as respostas em anônimo para que eles (as) tivessem liberdade para expressar o que eles (as) realmente pensam, sabem e sentem a respeito do assunto tratado. Deixei claro também que não tinham a obrigação de responder caso não quisessem, mas que seria importante para contribuir com a pesquisa. O questionário, apêndice G p.62, foi recolhido após preenchimento dos (as) alunos (as). Os dados foram analisados a partir da proposta e conteúdo que foram trabalhados com a possibilidade de retirar ou acrescentar atividades que fundamentassem nas respostas as possíveis dúvidas apresentadas pelos (as) alunos (as) e que ajudassem no desenvolvimento e obtenção de melhor resultado do projeto.

As atividades foram realizadas junto aos (as) alunos (as) para coletar as demandas e extrair dos (as) mesmos (as), informações, opiniões e conhecimento prévio sobre o assunto tratado.

As atividades propostas tiveram o intuito de sistematizar as ações pedagógicas e mediar o ensino da sexualidade, utilizando diferentes recursos didáticos com temas e ações baseadas em técnicas lúdicas, vivências e dinâmicas de grupo, possibilitando discussão da sexualidade e a proposta de ensino sobre sexualidade que são vinculadas ao currículo escolar.

Trabalhamos com oficinas, textos, vídeos, filmes, músicas que abordam a temática, promovemos a sensibilização, debates, reflexão e propomos uma aprendizagem compartilhada a fim construir coletivamente o conhecimento, construímos um espaço para trabalhar os aspectos reflexivos da sexualidade articulando valores, respeito, práticas e comportamentos que fortaleçam a desconstrução e reconstrução do relacionamento da própria sexualidade e a do outro.

Encerramos as atividades com uma palestra com um dos membros do “Grupo da Diversidade” do movimento LGBTTT da cidade de Araçuaí.

O projeto teve duração de quatro semanas, com quatro horas de trabalho semanais divididos em duas horas de trabalho por dia, considerando que a cada semana um tema foi abordado.

8- RESULTADOS

A observação da escola aconteceu de modo geral, aspectos estruturais, organizacionais, pedagógicos, humanos, equipamentos, condições de higiene, manutenção e segurança. No primeiro e quinto turno, os (as) alunos (as) são tranquilos (as), organizados (as), com ótima interação entre si e os demais servidores (as), já no terceiro turno há alunos (as) com comportamento violento, com agressões físicas e verbais que resultam em discriminação e homofobia.

Há carência de livros no acervo da escola e nos materiais didáticos que abordem o tema educação sexual. Nos documentos internos Regimento, PPP (Projeto Político Pedagógico) e Plano Curricular que norteiam a organização escolar e o ensino, a abordagem sobre gênero e orientação sexual é pensada do ponto masculino/feminino, DSTs, o uso de contraceptivos e prevenção de gravidez na adolescência que é muito recorrente na escola. Observei que não há cartazes ou mensagens sobre temas relacionados à sexualidade, homofobia e diversidade de gênero.

Em conjunto com a diretora, supervisoras e professores (as) foram escolhidos os dias para aplicação das oficinas, conforme mostra o cronograma na página 26. Os temas e materiais selecionados trabalhados nas oficinas trataram de assuntos interessantes, curiosos e presentes no cotidiano dos (as) professores (as) e alunos (as).

Durante a realização das oficinas, discutimos os conceitos de gênero, homofobia e sexualidade que vai muito além dos aspectos biológicos e físicos, o respeito às diferentes relações entre os seres, as novas formatações e membros que compõem as famílias atualmente, diversidade sexual e de gênero, o respeito e violência que ocorre com as pessoas ligadas ao gênero, as leis que regulamentam o direito das pessoas LGBTQTT.

Vários assuntos que envolvem a temática foram abordados e discutidos, todo material levado e apresentado despertou interesse e curiosidade nos alunos (as) e professores (as), que questionaram buscando esclarecer dúvidas e encontrar respostas para ajudá-los na compreensão de toda complexidade que envolve o termo sexualidade e homofobia.

Segundo uma aluna de uma das turmas que participou do projeto de intervenção, a educação na escola é de caráter punitivo, o aluno é punido por ter agredido o colega, alegando que não pode, mas não informa, conscientiza, não discute sobre sexualidade, orientação sexual, e o respeito que devemos ter com as pessoas e toda a problemática que envolve as relações de gênero. Muitos alunos foram espontâneos, concordaram com ela e se manifestaram expondo suas opiniões.

Durante a realização das atividades houve bastante a intervenção dos alunos (as), em uma das salas que foi realizada a intervenção há um casal de homossexual, eles se sentiram bem à vontade e seguros para falar das suas experiências, angústias, de como é difícil as pessoas compreender e respeitar as pessoas LGBTQ, sobre o preconceito que sofrem na escola, família e na sociedade em geral. Comentamos sobre as leis que as amparam, as reivindicações, alto índice de homicídios dessas pessoas devido o repúdio que sentem por elas. O constrangimento sofrido porque muitas vezes as pessoas não as referem pelo nome social escolhido, fazem questão de referi-las pelo nome de registro, contrariando e desrespeitando completamente a identidade na qual elas se identificam, essa é uma prática recorrente nesse ambiente escolar. Alguns alunos (as) contaram que já presenciaram situações de preconceito e homofobia com membros da família, vizinhos, colegas de escola e de outras pessoas em vários lugares sociais tais como: lojas, supermercados, clubes dentre outros, contribuindo bastante para o enriquecimento da discussão.

A aplicação das oficinas foi considerada de grande importância para os alunos (as), e para os (as) professores (as) que têm ciência da necessidade de fugir do teórico e buscar mais o lado prático para trabalhar os conteúdos, visto que a escola trabalha com vários projetos e o desempenho dos trabalhos com oficinas sempre tem resultado satisfatório. Os temas foram apresentados de maneira didática, interativa; totalmente aplicáveis ao cotidiano dos alunos e da instituição.

A avaliação das oficinas foi tida como de sucesso, a receptividade e a participação dos (as) alunos (as) foi excelente, bem como seu interesse pelo material e pela aplicação dos conhecimentos difundidos nas oficinas.

Portanto, a pesquisa apontou que, para haver transformação desse panorama de homofobia, transfobia dentre outros gêneros, preconceito e discriminação existente no ambiente escolar é necessário buscar com urgência mecanismos de

conscientização e qualificação dos educadores (as), possibilitando-lhes conhecimento sobre diversidade sexual e as várias facetas que envolvem o tema, para que sejam aptos a inserir o tema sob o ponto de vista dos direitos humanos, sexuais e reprodutivos. Para inovar o ensino e promover aprendizagens mais significativas e mais relevantes preparando os (as) alunos (as) a conviverem em harmonia com as sociedades contemporâneas.

Ainda de acordo com a pesquisa, através de observação, entrevista e conversas informais, os discursos foram majoritariamente homofóbicos e preconceituosos. Apesar de a escola acolher uma quantidade significativa de homossexuais, lésbicas e travestis, dentre outros gêneros, a escola produz e reproduz o modelo heteronormativo e se caracteriza como uma instituição conservadora.

A partir do projeto de Intervenção realizado a escola já tem uma proposta de um projeto “Do Inverso ao Reverso” que trabalhará com os temas sexualidade, homofobia, transfobia e DSTs, em todas as turmas da escola e ao longo do ano. O projeto já foi elaborado e enviado para SRE de Araçuaí para apreciação e liberação de recursos financeiros para compra de materiais que serão necessários para a execução do mesmo.

9- ANÁLISE E COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi baseada na revisão da literatura. Foram elaborados os roteiros para entrevistar: 1 diretora, 2 vice-diretoras, 2 supervisoras, 43 professoras, 5 professores, no entanto foi analisado o questionário de 12 professores (as) que atuam no Ensino Médio por serem eles que trabalham com as turmas que foi feita a intervenção, pessoal administrativo e conversa informal com alguns (as) servidores (as) e alunos (as) da Escola Estadual Pedro Moura de Araçuaí. Observação do ambiente escolar, salas de aula, secretaria, sala do diretor, biblioteca, banheiros, pátio, cozinha, outros espaços da escola e o comportamento dos (as) alunos (as) dentro e fora da sala de aula.

O questionário foi respondido sem identificação dos (as) participantes a fim de garantir a privacidade, manter o sigilo das informações e liberdade de expressar dos (as) mesmos (as). Todos (as) os (as) professores (as) atuam na escola há mais de 4 anos e possuem pós-graduação na área de atuação.

As respostas dos (as) entrevistados (as) foram analisadas de acordo com os teóricos estudados, verificando se as respostas dadas pelos (as) professores (as) contemplavam ou não os objetivos propostos pela pesquisa.

O questionário foi composto por dezesseis questões, sendo que as três primeiras eram referentes a identificação dos (as) entrevistados (as), as cinco últimas questões eram mais voltadas para as ações da equipe pedagógica. Sendo assim, a análise se deu da questão nº 04 até a questão 11, visto que a intenção foi averiguar a importância do papel do (a) professor (a) frente a homofobia na escola e as questões sobre gênero e sexualidade.

A entrevista foi feita com muita cautela, seus objetivos foram bem definidos, bem como a população entrevistada. Atingiu a finalidade da pesquisa e garantiu o sucesso dos objetivos propostos. Sobre entrevista Maciel e Raposo (2010) afirmam que:

A entrevista, por exemplo, tem o propósito de converter-se em um diálogo, em cujo curso as informações vão aparecendo na complexa trama em que o sujeito as experimenta no seu mundo real. No curso desse processo, aparecerão inúmeros elementos de sentido sobre os quais o investigador nem se quer havia pensado, os quais se convertem em elementos importantes do conhecimento produzido, e enriquecerão o problema inicial, surgido de forma unilateral pelo investigador. (p.17).

Estas respostas são referentes aos 12 professores que atuam no Ensino Médio, nas turmas onde foi feita a intervenção.

Questão nº 04: Como é tratada a questão de gênero nesta instituição?

De acordo com os entrevistados, a medida que os alunos foram manifestando as diversidades de gênero, eles se sentiram na obrigação de buscar conhecimento e entendimento sobre gênero e mudar a postura para estabelecer uma convivência harmônica e de respeito entre os alunos. Pois as práticas homofóbicas e preconceituosas sempre foi um problema que tiveram que enfrentar. Com o passar do tempo, nas turmas dos alunos do Ensino Médio, diminuiu bastante as práticas homofóbicas, mas não o suficiente e necessário para eliminar a discriminação e o preconceito.

Questão nº 05: Durante a sua formação você recebeu alguma preparação para lidar com assuntos referentes a sexualidade?

Todos os entrevistados disseram que não receberam nenhuma preparação para lidar com assuntos referentes a sexualidade durante a sua graduação. Durante muito tempo a sexualidade foi totalmente ignorada pelas instituições educacionais, que eram fortemente marcadas pelo discurso sexista, sem dar espaço para discussão sobre gênero. Reconheceram também que a sexualidade e questões sobre gênero devem ser tratadas no ambiente escolar, e que devem buscar meios para se capacitar e aprofundar sobre o assunto através de cursos de formação continuada.

Questão nº 06: Você se sente adequadamente capacitado (a) para lidar com assuntos referentes a sexualidade no seu dia-a-dia?

Os professores disseram que são inseguros e se sentem constrangidos para falar sobre sexualidade em sua totalidade, mas sentem segurança para falar sobre os aspectos biológicos. E quando surge o assunto na sala por parte dos alunos tentam agir com naturalidade, mas procuram um meio de encerrar a discussão, ignorando o assunto ou chamando atenção para prosseguimento da aula.

Questão nº 07: O currículo e os materiais pedagógicos contemplam o tema diversidade sexual e de gênero? De que forma?

Segundo os professores o currículo e alguns materiais pedagógicos contemplam o tema diversidade sexual e de gênero. No entanto cabe as instituições e os professores nortear as ações, propor atividades específicas, fazer reflexões e problematizações necessárias abrangendo a temática.

Questão nº 08: Existem alunos que se identificam ou são identificados como homossexuais ou transexuais?

De acordo com os entrevistados a escola abriga uma grande quantidade de alunos homossexuais e transsexuais. A grande maioria se manifesta, através dos cortes de cabelo, vestimenta, maquiagem, maneira de falar, reivindicam o uso do banheiro de acordo com o gênero que se identifica. Outros ainda não tiveram a coragem de se identificar, embora percebamos que eles vão se libertando aos poucos, a medida que se sentem seguros.

Questão nº 09: Você já presenciou algum tipo de manifestação de preconceito ou discriminação na sua prática docente por parte dos colegas de trabalho?

Para os entrevistados as atitudes homofóbicas e discriminatórias são presentes no cotidiano escolar, tanto por parte dos alunos quanto dos professores. De acordo com os entrevistados, por parte dos professores acontece de forma mais velada, mas os alunos são muito explícitos em suas práticas discriminatórias não se preocupando com o constrangimento que causa aos colegas.

Questão nº 10: Na disciplina em que você ministra, já percebeu conteúdos sexistas em livros didáticos ou na fala dos seus alunos?

Segundo os entrevistados o conteúdo sexista esteve e está presente nos livros didáticos, mas se percebe um tímido avanço nos conteúdos sobre as questões de gênero e a maneira dos professores conduzirem determinadas atividades, em especial os professores de Educação Física. Ressaltaram que devem estar atentos às diferenças para contribuir para a construção de uma sociedade onde todos se sintam respeitados independente de suas escolhas.

Questão nº 11: Nesta instituição você percebe a inclusão de todos os alunos sem exceção?

Os entrevistados disseram que inclusão é o discurso do momento. Existem as leis que amparam os alunos, os pais estão mais conscientes da necessidade de integrar os seus filhos na sociedade através das escolas, as escolas estão se adaptando para recebê-los tanto na parte física quanto humana, mas ainda está muito longe do ideal. Fazemos tudo que podemos de acordo com as condições e recursos que dispomos, mas reconhecemos que ainda não é suficiente. A cada dia nos deparamos com uma especificidade, mas tentamos adaptar e acolher o aluno de forma que ele e a família se sintam seguros, sabendo que trabalhamos para a inclusão e socialização dos alunos.

Alguns dos entrevistados disseram que dão suporte ao professor de apoio, sugerindo, auxiliando em algumas atividades. Promovendo as atividades de forma que o aluno com necessidades especiais possa participar, incentivando os demais colegas a serem solidários e promover a inclusão no ambiente escolar. Buscam se aperfeiçoar através de leitura e formação continuada, socializando com os colegas seu aprendizado para contribuir para a melhoria do atendimento aos alunos com necessidades especiais.

A análise de dados revelou que há dificuldade de alguns (as) professores (as) em romper com os padrões tradicionais a respeito das identidades de gênero, mas observei que há docentes com novas posturas sobre sexualidade e com propostas de trabalho mais acolhedoras, para promover a inclusão e acabar com a homofobia que permeia o ambiente escolar.

Foi elaborado também um questionário que foi respondido em anônimo para 63 alunos (as) do 3º ano do Ensino Médio com idade entre 16 a 19 anos, a fim de averiguar o entendimento deles (as) sobre homofobia, sexualidade e discriminação. Conforme tabela abaixo:

TABELA 1 – Faixa Etária dos Alunos

IDADE DOS ALUNOS	QUANTIDADE DE ALUNOS	%
16 ANOS	11	17,5
17 ANOS	22	34,9
18 ANOS	18	28,6
19 ANOS	12	19

Fonte: Elaborada pela autora

Dos (as) 63 alunos (as) que responderam o questionário apêndice G p.62, observei que a faixa etária predominante concentra-se em torno de 17 – 18 anos. Conforme mostra o gráfico abaixo, a maioria dos (as) alunos (as), apresentaram dificuldade em responder as duas primeiras perguntas sobre sexualidade. A análise de dados revelou que há deficiência no trabalho feito no campo de sexualidade, que o assunto é tratado basicamente nas aulas de biologia, o que evidencia que é atribuído aos (as) professores (as) da referida disciplina, trabalhar sobre os temas sexo, sexualidade e gênero baseado no currículo e planejamento da disciplina. O nível de orientação e informação é considerado baixo, mediante a importância dos temas. Muitas vezes os (as) alunos (as) esclarecem suas dúvidas entre si ou com professores que eles (as) têm mais liberdade para falar sobre os temas.

Há preocupação quanto a necessidade de a escola trabalhar os temas e atender os anseios, expectativas dos (as) alunos (as), encarregando-se de ajudá-los (las) administrar e conhecer a própria sexualidade, para que sejam capazes de vivenciá-la de forma consciente no âmbito escolar ou fora dele.

Estas respostas são referentes as duas primeiras perguntas do questionário dos (as) alunos (as) apêndice G p.62, as quais eles (as) apresentaram dificuldade em responder.

Nº 01: O que você entende sobre sexualidade?

De acordo com as respostas de 65% dos (as) alunos (as), responderam que sexualidade é o desejo de ter relação sexual, fazer sexo. Entendem que sexualidade está relacionada exclusivamente aos órgãos genitais, masculino e feminino.

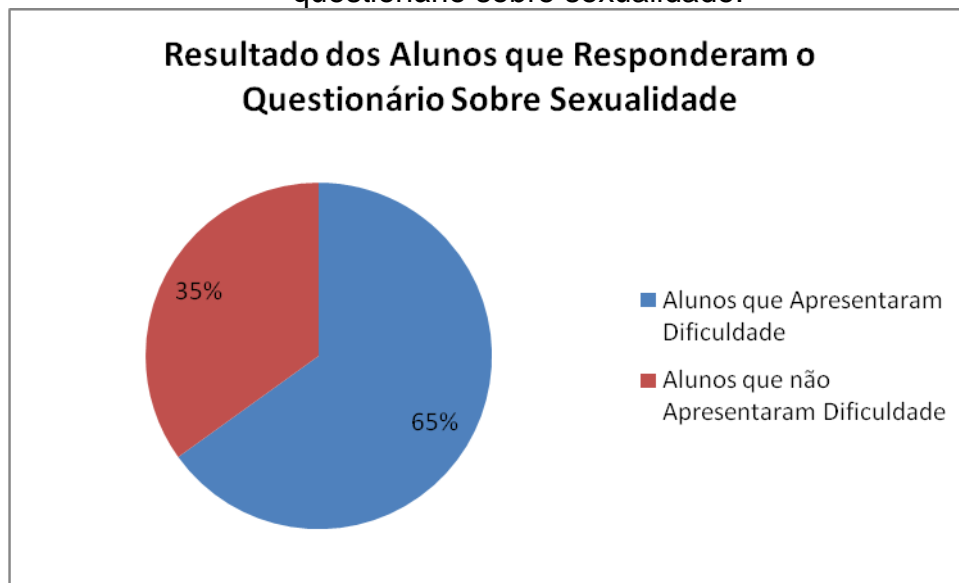
Nº 02: Quais são as principais dúvidas sobre sexualidade?

Como os (as) alunos (as) entendem sexualidade relacionada ao sexo (órgãos genitais) masculino e feminino, eles (as) apresentaram dúvidas sobre ereção, lubrificação feminina, dilatação vaginal, excitação, masturbação, basicamente referente a prática sexual.

O resultado foi 65% dos (as) alunos (as) apresentaram dúvidas e dificuldade em responder as questões sobre sexualidade, muitos consultaram os colegas e a

professora para elaborar as respostas e 35% responderam de acordo com as definições apresentadas pela literatura e os objetivos propostos pela pesquisa. Os dados coletados foram cuidadosamente registrados, analisados e socializados com a equipe gestora e professores (as) para sugestões e definição das atividades a serem trabalhadas no projeto de intervenção. Veja gráfico abaixo:

FIGURA 1- Gráfico indicativo porcentagem dos alunos que responderam o questionário sobre sexualidade.



Fonte: Elaborado pela autora

É importante ressaltar a exposição de uma aluna durante a realização de uma aula, no momento em que estava acontecendo a discussão sobre preconceito, discriminação contra as pessoas LGBTT, em meio a tantas falas, opiniões, questionamentos, ela perguntou porquê a escola não trabalha com esse tema com clareza como estava sendo trabalhado e exposto para eles.

10- CONCLUSÃO:

Sabe-se que a escola é o lugar onde mais abriga os variados tipos de pessoas, resultando em espaço carregado de diversidade, como também é um lugar privilegiado para promover o reconhecimento, respeito e acolhimento dessa diversidade.

De acordo com a educadora e pesquisadora Nilma Lino (2007) a diversidade humana é muitas vezes exaltada por meio do que ela chamou de um discurso romântico. Uma vez que os currículos e as práticas pedagógicas são pensadas de maneira única para atender a todos independente da diversidade na escola. A escola precisa contribuir para que a diversidade sexual seja um assunto discutido para promover o respeito e melhor relacionamento dos seres humanos e que os alunos estejam aptos à viver em uma sociedade plural com diferentes grupos e cultura que nos são apresentada. Foucault, (2004) discorre sobre as relações da sociedade:

Vivemos, de fato, em um mundo legal, social, institucional no qual as únicas relações possíveis são muito pouco numerosas, extremamente esquematizadas, extremamente pobres. (...) Vivemos em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições. A sociedade e as instituições que constituem sua ossatura limitam a possibilidade de relações (...) Devemos lutar contra esse empobrecimento do tecido relacional (p.120).

A escola está amparada por um conjunto de documentos tais como: PCNs, (Parâmetros Curriculares Nacionais), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, a Constituição de 1988, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, Resolução da ONU de 1981, (Organização das Nações Unidas), A OMS (Organização Mundial da Saúde) dentre outros, que discorrem normas a fim de eliminar e prevenir qualquer discriminação e assegurar os direitos humanos. No entanto os currículos não contemplam ações educativas direcionadas ao respeito à diversidade de todas as formas, étnica, sexual, cultural, de gênero dentre outras. Ainda que em alguma disciplina essas ações são citadas, mas de modo geral cumprem o processo de normalização em relação ao currículo e práticas pedagógicas e conseqüentemente a normatização das condutas humanas.

Através das análises feitas no PPP (Projeto Político Pedagógico), Planejamento das disciplinas, questionário aplicado aos (as) alunos (as),

professores (as) e entrevista com a equipe pedagógica da escola na qual realizei o projeto constatou-se que há deficiência na proposta de trabalho sobre sexualidade e diversidade de gênero nesta instituição. Que a homofobia está presente no âmbito escolar, na fala dos profissionais, dos (as) alunos (as) e que muitas vezes este preconceito é velado. Por parte da maioria dos profissionais falta a consciência de que o espaço escolar é também local para acolher e respeitar as diversidades de gênero. Que a postura dos profissionais de invisibilidade dificulta no combate de situações de preconceito contra os (as) estudantes LGBTT e reforça a permanência do padrão de binarismo de gênero e/ou a heteronormatividade. Mas em contra partida constatou-se que há educadores (as) com novas posturas em relação aos (as) alunos (as) LGBTT e que a partir do Projeto de Intervenção se sentiram mais motivados e encorajados à tomar medidas para trabalhar e expor a temática tanto para os (as) alunos (as) quanto para os colegas, sem receios de serem mal interpretados, a fim de transformar o cenário de preconceito e homofobia no ambiente escolar. Sobre a postura da escola Guacira Louro (1997):

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos (p.81).

Ficou muito evidente a necessidade de a escola rever o currículo e inserir o tema da diversidade sexual e de gênero, acompanhar e cobrar para que o tema seja trabalhado com seriedade e investir na formação dos (as) professores (as) para que eles tenham condições, encorajamento de desenvolver estratégias capazes de combater todas as formas de preconceito e discriminação que perpassam o espaço escolar.

Direção, coordenação e professores (as) participaram ativamente de todo o processo de realização das atividades propostas. Foi realizado na escola um projeto de interação com alunos (as) e profissionais.

Conclui-se que o apoio afincado e unido da equipe foi imprescindível para realização do projeto, os objetivos propostos foram alcançados e todas as atividades realizadas.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Djanira Soares; COSTA, Raphaela Leoni; SILVA, Taís Mateus. Chega de tabu! : A sexualidade sem medo e sem cortes, 2005. Disponível em: <www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%201/chegadetabu.pdf> Acesso em: 20 mar. 2016.
- BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, 2006, p. 239.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 300 - 303.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Mirian; SILVA, Lorena Bernadete. Juventudes e Sexualidade, Brasília: UNESCO. Brasil, 2004.
- COSTA, Maria Conceição Oliveira; LOPES, Cleveane Pessoa de Araújo; SOUZA, Ronald Pagnoncelli; PATEL, Balmukund Niljay. Sexualidade na adolescência: Desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal de Pediatria*. Vol. 77, 2001.
- DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: Quando a omissão também é signo de violência. Universidade Paraná: Ed. UFPR. *Educar em Revista*, Curitiba, 2011. Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04.pdf>>. Acessado em: 08 dec. 2015.
- FIGUEIREDO, Fernando Balieiro; NAME, Eduardo Risk; *Escola e Sexualidade: Uma visão crítica à normalização*. Editora EDUFSCAR, São Carlos, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 3ª ed. Editora Graal. Rio de Janeiro, 1980, p. 100, 119.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. 13ª ed. Editora Graal. Rio de Janeiro, 1988, p. 9 -10.
- FOUCAULT, Michel. O triunfo social do prazer sexual: Uma conversação com Michel Foucault. In: *Ética, sexualidade, política*. (org.) Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa

Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Forense Universitária Ltda. Rio de Janeiro, 2004, p.120.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil - Intolerância e respeito às diferenças sexuais, São Paulo, 13 fev. 2010. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/content/diversidade-sexual-e-homofobia-no-brasil-intolerancia-e-respeito-diferencas-sexuais>>. Acessado em 15 mar. 2016.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil, São Paulo, 13 fev. 2010. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/content/conheca-pesquisa-diversidade-sexual-e-homofobia-no-brasil-realizada-em-2008-e-2009>>. Acessado em 15 mar. 2016.

GOMES, Nilma Lino. Indagações sobre currículo: Diversidade e currículo. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, MEC/ SEB. Brasília, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2015. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acessado em: 07/12/2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz et al. CHAMUSCA, Adelaide; BRANDT, Maria Elisa; HENRIQUES, Ricardo (Orgs.). Gênero e diversidade sexual: Reconhecer diferenças e superar preconceitos. Ministério da Educação; Brasília, 2007, p. 61.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz; (organizador). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. UNESCO (Coleção Educação para Todos, vol. 32), Brasília, 2009. ISBN 978-85-60731-34-3 p. 458.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz; Introdução – Homofobia nas escolas um problema de todos. In: (org.). Diversidade sexual e educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. UNESCO, Ministério da Educação; Brasília, 2009, p. 13-51.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Editora Vozes, 2. ed. Rio de Janeiro, 1997, pág. 67-68, 81.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. 7. 1ª ed: 1997. Editora Petrópolis: Vozes, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaio sobre a sexualidade e teoria Queer. Autêntica. Belo Horizonte, 2004.

MACIEL, Diva Albuquerque; RAPOSO, Mirian Barbosa Tavares Módulo V, Metodologia e Construção do Conhecimento: Contribuições para o Estudo da

- Inclusão. Universidade Aberta do Brasil, UAB/Unb. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão escolar. Brasília, 2010, p.17.
- MARSIAJ, Juan P. Pereira. Gays ricos e bichas pobres: Desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas, vol. 10, n.18/19. Campinas, 2003, p. 142.
- MISKOLCI, Richard. Marcas da Diferença no Ensino Escolar. Editora EDUFSCAR. Parte I, A Sexualidade e o Espaço Escolar, São Carlos, 2010, p. 75-88, 79-83.
- MORENO, Montserrat. Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola. Trad. Ana Venite Fuzatto. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Editora Moderna. São Paulo, 1999, p. 35 - 36.
- MORENO, Montserrat. Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola. Trad. Ana Venite Fuzatto. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Editora Moderna. São Paulo, 2003, p. 23.
- NOVA ESCOLA. Você está pronto para falar de sexo? Editora Abril. São Paulo, Agosto 2008.
- PARKER, Richard. Abaixo do Equador. Editora Record. Rio de Janeiro, 2002.
- PEREIRA, Graziela Raupp; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco. Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia: Universidade Paraná: Ed. UFPR. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 51-71, jan./abr. 2011. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acessado em: 08 dec. 2015.
- PETCHESKY, Rosalind Pollack, Direitos sexuais: Um novo conceito na prática política internacional. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria. (Orgs.). Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder. Universidade Estadual do Rio de Janeiro: IMS/ UERJ. Rio de Janeiro, 1999.
- QUEEN, Mariana. Homossexualidade e homofobia na escola: Como lidar?. 12 jun. 2013. Disponível em <<http://educarpara crescer.abril.com.br/comportamento/importante-falar-sexo-escolas629611.shtml#>> Acessado em: 05 jan. 2016.
- Revista Mundo Jovem, Ano 49, Nº 414, Março 2011.
- Revista Mundo Jovem, Ano 49, Nº 417, Junho 2011.

SAMPAIO, Juciana de Oliveira. Redes sociais engendradas: notas sobre o caráter associativo entre os travestis: Fazendo Gênero, corpo, violência e poder. São Luis, Maranhão, 2008, p. 02.

SAVIN-WILLIAMS, Ritch C. Mom, Dad, I am gay. How families negotiate coming out. Washington DC: American Psychological Association, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. Resultado de pesquisa sobre homofobia nas escolas, Curitiba, 29 set. 2010. Disponível em <<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/makepdf.php?storyid=1833>>Acesso em: 08 dec. 2015.

SOUZA, Alberto Carneiro Barbosa. Resenha do livro Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Editora Fiocruz. Ciência e Saúde Coletiva, 14(4), 1309-1310, Rio de Janeiro, 2009.

TEIXEIRA FILHO Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra Marretto. Homofobia e sexualidade em adolescentes: Trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades, São Paulo, 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acessado em: 08/12/2015.

TIBA, Içami. Adolescência: o despertar do sexo. Editora Gente. São Paulo, 1994.

TRINDADE, Ellika; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Adolescentes e paternidade, um estudo fenomenológico. Editora Holos. Ribeirão Preto, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ATIVIDADES

- Definições sobre o propósito da pesquisa.
- Definições metodológicas.
- Definições sobre técnicas e procedimentos da pesquisa.
- Coleta de dados.
- Análise de dados.
- Elaboração do relatório da pesquisa.
- Elaboração do Projeto de Intervenção de acordo com resultado da pesquisa.
- Execução do Projeto de Intervenção.

APÊNDICE B – ATIVIDADES TRABALHADAS

OFICINA 01: A sexualidade para além do sexo.

Tema: Gênero

Objetivo: A oficina teve como propósito demonstrar que a sexualidade vai muito além dos aspectos biológicos, da reprodução humana e da prática sexual. Ela se manifesta das mais diversas maneiras, seja por atos, atitudes, comportamentos e envolve desejos e sentimentos entre as pessoas.

Recursos didáticos: ALVES, R. Sexo é Coisa Simples. Em E aí? Cartas aos adolescentes e aos seus pais. São Paulo: Papyrus, 2005. Letras de música e poesias.

Tempo: Cerca de quatro horas, entre acolhimento e fechamento.

Desenvolvimento da oficina:

Acolhimento: Os adolescentes foram convidados a ler ou cantar uma música ou ler um poema do qual gostaram e que tinham a ver com a sexualidade para além do sexo. Estavam disponíveis as seguintes letras de música e poemas para os adolescentes: Amor e Sexo (Rita Lee), Metamorfose Ambulante (Raul Seixas), Diversidade (Lenine), Televisão, Quem são os animais (Titãs), Joga Arroz (Tribalista), Menino – Menina (Rômulo Gomes), Minhas Mãos (Elisabete Navet). Em seguida, os mediadores dialogaram sobre as poesias e músicas escolhidas e deram início à oficina propriamente dita.

Desenvolvimento da oficina:

A oficina aconteceu com a leitura do artigo Sexo é coisa simples, de Rubem Alves (ALVES, R. Sexo é coisa simples. Em E aí? Cartas para adolescentes e seus pais. São Paulo: Papyrus, 2005). Após, os mediadores conduziram um debate, extraindo dos alunos o que entenderam sobre o que o professor Rubem Alves explicou sobre sexo e sexualidade.

Os adolescentes foram incentivados a procurar poesias ou letras de música que tratam sobre a sexualidade a partir de uma concepção biopsicossocial. A oficina se encerrou com a leitura e debate das poesias e letras de música escolhidas pelos adolescentes participantes.

Fechamento:

Relatos sobre o que os adolescentes entenderam sobre a sexualidade além do sexo.

OFICINA 02: O sexo: Prazeres e interações

Tema: Gênero e corpo

Objetivo: Foi proposta a reflexão sobre as diferentes formas de amar, bem como o respeito às diferentes interações entre os seres. Nesse dia, o foco foi prostituição e transsexualidade.

Recursos didáticos: Exibição do filme: Uma linda mulher, com Richard Gere e Julia Roberts (ver link: <http://megafilmeshd.net/uma-linda-mulher/>) e trechos do filme: Minha vida em cor de rosa (ver link: <http://www.assistirfilmesonline.info/2013/04/minha-vida-em-cor-derosa.html>)

Tempo: cerca de quatro horas contando com acolhimento e fechamento.

Desenvolvimento da oficina:

Acolhimento: Os participantes foram convidados a falar sobre o que lhes traz mais prazer no dia-a-dia.

Desenvolvimento da oficina:

Exibição do filme Uma linda mulher. Após a exibição, os adolescentes foram instigados à reflexão a partir das seguintes perguntas: em sua opinião, você acha que a atitude de Richard em se aproximar de Julia para lhe pedir ajuda é comum ou não? Por quê?; Há um momento no filme no qual um dos amigos de Richard age com incoerência em relação a Julia por saber que ela era uma prostituta, por que ele agiu dessa forma? Se fosse você, como reagiria?; Ao final do filme, o autor se apaixona pela prostituta. Em sua opinião, isso é possível? Como a sociedade agiria sobre esse fato, por quê?; Quais as consequências pessoais e sociais a personagem de Júlia sofreu? Na vida real, quais são as consequências de ser profissional do sexo, seja feminino ou masculino? Quais implicações da venda do corpo? Por quê há pessoas que vendem seu corpo?

Em seguida, os adolescentes foram incentivados a procurarem notícias em jornais e revistas sobre o tema prostituição para apresentarem na sala e foram discutidas com o auxílio dos mediadores da oficina.

No segundo momento, foram exibidos trechos do filme Minha vida em cor de rosa. Após a exibição, os adolescentes foram incentivados a refletir sobre o drama vivido por Ludovic quanto às dúvidas sobre sua sexualidade: como o pai

reagiu ao ver o filho vestindo-se como menina?; Na escola, como era o comportamento das outras crianças em relação à Ludovic? O que as humilhações constantes provocaram em Ludovic? A história do filme se dá no ano de 1988, em sua opinião, no contexto social no qual vivemos, Ludovic enfrentaria a mesma situação? Por quê?; O que é transsexualidade?

Por fim, os mediadores usaram o trecho de sinopse do filme: “Percebe-se então a grande dificuldade que existe em aceitar tudo que é diferente em uma esfera social marcada por uma moral cristalizada, onde o novo é rejeitado e os costumes se empoeam diante das mais simples circunstâncias” para a discussão final do tema transsexualidade.

OFICINA 03: Os jeitos de ser e atuar sexualmente

Tema: Gênero

Objetivos: a atividade teve por objetivo a construção de conceitos sobre sexualidade e gênero; ampliar os espaços de discussão sobre gênero com a proposta de amenizar as desigualdades de gênero entre os mesmos.

Recursos didáticos: Documentário; “identidade, gênero e diversidade sexual”.

(ver link: http://www.youtube.com/watch?v=H6_uVQyeRhc); Música: “Masculino e Feminino”, de Pepeu Gomes (ver link: <http://www.vagalume.com.br/pepeugomes/masculino-e-feminino.html>), caneta, papel A4 e aparelho de som e vídeo.

Tempo: cerca de quatro horas, entre acolhimento, realização da 1ª parte e 2ª parte da oficina e fechamento.

Desenvolvimento da oficina:

Acolhimento: Os adolescentes foram convidados a relatar fatos que ocorreram ou presenciaram sobre a temática, o que proporcionou uma confiabilidade entre eles e os mediadores, tendo esse momento como propenso para o desenvolvimento da oficina.

Desenvolvimento da oficina:

Parte 1: Foi exibido o documentário e, em seguida, os adolescentes foram estimulados à reflexão a partir das seguintes problematizações: o espaço social da mulher é igual ao do homem? O que é preconceito de gênero? Você já viveu ou já

ouviu alguma situação de discriminação? Pode nos contar? O que é ser lésbica? O que é ser gay? O que é ser travesti? O que poderia ser feito para diminuirmos a discriminação e o preconceito? Como a escola pode ajudar a diminuir o preconceito e a discriminação? O que fazer quando nos deparamos em situações de discriminação e exclusão entre os colegas e na sociedade?

Parte 2: A letra da música Masculino e feminino foi distribuída entre os alunos. A música foi exibida e cantada. Para o debate da música, os mediadores utilizaram o seguinte roteiro: o que Pepeu quis dizer quando afirmou “ser homem feminino não fere o meu lado masculino”?, ou ainda, “Salve, salve a alegria, a pureza e a fantasia”?, ou ainda, “Vou assim, todo o tempo vivendo e aprendendo”?

Para finalizar a oficina, foi solicitado aos participantes a criação de uma peça teatral com exemplos diários de como as questões de gênero e sexualidade são retratadas em nossa sociedade, acompanhada de propostas de como poderiam ser as interações entre as pessoas se não houvesse preconceito e discriminação.

Fechamento:

Os participantes relataram sobre o que acharam das apresentações e o que acreditam poder mudar em suas atitudes, especialmente, relativas a preconceitos e discriminações.

OFICINA 04: Afeto, amor e respeito nas vivências do prazer

Tema: Gênero

Objetivo: Trabalhar a sensibilidade dos alunos para o amor e o afeto através da música e da poesia.

Recursos didáticos: Poema, “Todas as cartas de amor são” de Álvaro de Campos (ver link: <http://arquivopessoa.net/textos/2492>). Letras de músicas à escolha dos participantes. Materiais de papelaria e revistas para recorte.

Tempo: 4 horas

Desenvolvimento da oficina:

Acolhimento da oficina: os adolescentes foram solicitados a desenharem ou elaborarem montagens com figuras de situações de afeto, amor e respeito nas vivências de prazer. Em seguida, os mediadores começaram o diálogo sobre o tema da oficina.

Desenvolvimento da oficina:

Após a leitura do poema, os participantes foram ser guiados pelas perguntas: Por quê o autor relata no poema que todas as cartas de amor são ridículas?; O que o poeta tenta dizer quando escreve “as cartas de amor, se há amor são ridículas”? No que o autor tenta chamar atenção quando ele escreve: “Só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas”? Qual a mensagem transmitida quando diz “Quem me dera no tempo em que escrevia, sem me dar por isso, cartas de amor ridículas”?

Após o debate inicial, os participantes, em grupo, foram incentivados a pesquisarem letras de música que, para eles, se relacionam com afeto, amor e prazer. Para a apresentação, as músicas foram ser tocadas e cantadas, seguidas da explicação de por quê aquela letra de música se relaciona ao tema da oficina.

Fechamento:

A oficina encerrou-se com um diálogo entre os adolescentes, elucidando a importância do respeito às diferenças de compreensão do amor, afeto e prazer.

OFICINA 05: Desrespeito e violência: Abuso sexual e exclusão.

Tema: Gênero

Objetivos: propor uma reflexão sobre o respeito às pessoas e aos tipos de violência ligados ao gênero.

Recursos didáticos: Folha A4, lápis, teatro fórum; vídeo da Campanha Tô Atento (ver link: <http://www.youtube.com/watch?v=uyukDV2x5tU>).

Tempo: Cerca de quatro horas entre acolhimento e fechamento das oficinas.

Desenvolvimento da oficina:

Acolhimento: Os mediadores pediram para os participantes falarem o que entendem sobre violência sexual, bullying e exclusão, relacionados a questão de gênero. Esse processo foi muito importante para que eles se sentissem mais à vontade e aumentasse a confiabilidade entre os mediadores.

O vídeo Tô Atento foi exibido. Após a exibição, foi pedido para os adolescentes se pronunciarem se já viveram situações apresentadas no vídeo, por exemplo: estranhos que se aproximam, oferecendo doces e presentes, entre outros. Discutimos com os adolescentes as situações apresentadas. Em seguida, separamos a turma em grupos para que cada grupo encenasse uma situação potencial de violência e formas de se proteger, exemplo: parentes ou

não parentes que querem tocar com intimidade os adolescentes; estranhos ou conhecidos que pedem para que os adolescentes postem fotografias na internet; perseguição de menino com menina na escola; perseguição de menina com menino na escola; zoação de meninos e meninas homossexuais na escola, entre outros temas que se fizeram presentes no contexto de sala de aula. Durante a encenação, os mediadores foram parando a encenação para comentar com os adolescentes a participação. Em outro momento, foi aconselhável convidar um/a conselheiro/a tutelar para conversar com os adolescentes sobre seus direitos e sobre como se proteger de situações de violência.

Fechamento:

Os adolescentes foram convidados a fazerem um desenho sobre o tema, seguido de o por quê de escolherem e o que ele representou.

Para a finalização do projeto, conduzimos uma avaliação das oficinas: qual ou quais oficinas acharam mais interessantes?; oficinas que mais marcaram?; oficinas que podem ser aprimoradas? O objetivo da avaliação foi aprimorar o projeto como um todo, a partir da audição dos adolescentes, palestra com membros do “Grupo da Diversidade” do movimento LGBTTT da cidade de Araçuaí. Pedimos para todos se levantarem, darem as mãos formando uma roda e fecharem os olhos; colocamos uma música suave e cada um (a) imaginar como seria o mundo se não houvesse discriminação.

De acordo com a Lei Nº 11. 988 de 27 de Julho de 2009 a escola realizou do dia 30/11 a 04/12/15 A Semana de Educação para a Vida, que objetiva ministrar conhecimentos relativos a matérias não constantes do currículo obrigatório, tais como: ecologia e meio ambiente, educação para o trânsito, sexualidade, prevenção contra doenças transmissíveis, direito do consumidor, Estatuto da Criança e do Adolescente. A Semana de Educação para a Vida fará parte, anualmente, do Calendário Escolar e deve ser aberta para a participação dos pais de alunos e da comunidade em geral.

Durante essa semana as matérias poderão ser ministradas sob forma de seminários, palestras, exposições-visita, projeções de slides, filmes ou qualquer outra forma não convencional. Os professores me pediram sugestões de atividades para trabalhar durante esse período com os alunos das outras turmas que não participaram do Projeto de Intervenção. Não participei ativamente das atividades que foram realizadas em horário diferente do meu expediente, mas fui informada que foi

muito interessante e proveitoso tanto para os professores, quanto para os pais e alunos. Todos participaram das atividades e demonstraram muito interesse em aprofundar no assunto, questionaram para esclarecer suas dúvidas, transformando em momentos bastante interativos e enriquecedores.

Sugestões de atividades para os professores trabalharem com os alunos durante a Semana de Educação para a Vida:

Slides: Fundamentos Culturais para a Educação em Direitos Humanos e Sexualidade.

Diversidade Sexual e Gênero (fornecido pela Secretaria Especial em Direitos Humanos).

Incômodos e desafios de se discutir homofobia na escola.

Músicas: Metamorfose Ambulante (Raul Seixas), Quem são os animais (Titãs), Joga Arroz (Tribalista).

Texto: No país de Blowmink, de Cláudio Picazio.

Contar para alunos algumas curiosidades históricas sobre a Grécia Antiga.

Filme: Delicada atração (Beautiful Thing). Direção de Hattie MacDonald. Inglaterra, 1996.

Filme: Tomboy. Direção Celine Sianma, 2011.

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA A GESTORA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE

Prezada gestora este questionário tem o objetivo de investigar o funcionamento da escola, clientela, comunidades escolar, as questões sobre gênero, homofobia e sexualidade, e como a equipe pedagógica se posiciona diante das situações de preconceito e homofobia na instituição. Fique a vontade para responder e seja sincera em suas respostas. Essas informações serão utilizadas como eixo norteador de trabalho apresentado para um curso de especialização. Suas respostas serão confidenciais, e sua identidade será preservada. Obrigada.

Cursista: Maria de Fátima Teixeira de Carvalho

- 1) Há quanto tempo você atua como gestor nesta escola?
- 2) Qual a sua formação?
- 3) Por que escolheu esse trabalho?
- 4) Quais são para você as principais responsabilidades de um gestor escolar?
- 5) Quais são os aspectos positivos e negativos do trabalho do gestor?
- 6) Como está organizado o trabalho do gestor desta Unidade escolar?
- 7) Como é a comunidade da escola?
- 8) Como é gerida a questão financeira na escola?
- 9) Existem colaboradores que não pertencem ao corpo docente e discente da escola?

- 10) Descreva esta instituição: número de alunos atendidos, número de professores e funcionários, estrutura física e histórica do nome e da fundação da instituição.
- 11) Descreva a clientela (discentes) atendida por esta instituição?
- 12) Quais são os principais desafios para manter harmonia entre os discentes?
- 13) Quais são os problemas que a gestão e os docentes enfrentam para manter a disciplina? Como a escola procede em situações de indisciplina?
- 14) Como é tratada a questão de gênero nesta instituição?
- 15) O currículo e os materiais pedagógicos contemplam o tema diversidade sexual e de gênero? De que forma?
- 16) Existem alunos que se identificam ou são identificados como homossexuais ou transexuais?
- 17) Há situações de homofobia, transfobia, preconceito e discriminação entre os discentes?
- 18) Como a equipe pedagógica se posiciona diante desses acontecimentos?
- 19) Como as famílias lidam com os filhos que não são heterossexuais, buscam ajuda junto a escola quando não conseguem conduzir a situação?
- 20) De que forma a escola ajuda os pais a conduzir a situação?
- 21) A equipe pedagogia tem formação específica e se sente preparada para lidar com as questões de gênero?

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO PARA VICE-DIRETORA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE

Prezada vice-diretora este questionário tem o objetivo de investigar o funcionamento da escola, clientela, comunidades escolar, as questões sobre gênero, homofobia e sexualidade, e como a equipe pedagógica se posiciona diante das situações de preconceito e homofobia na instituição. Fique a vontade para responder e seja sincera em suas respostas. Essas informações serão utilizadas como eixo norteador de trabalho apresentado para um curso de especialização. Suas respostas serão confidenciais, e sua identidade será preservada. Obrigada.

Cursista: Maria de Fátima Teixeira de Carvalho

- 1) Há quanto tempo você atua como vice-diretora nesta escola?
- 2) Qual a sua formação?
- 3) Por que escolheu esse trabalho?
- 4) Quais são para você as principais responsabilidades de uma vice-diretora escolar?
- 5) Quais são os aspectos positivos e negativos do trabalho da sua função?
- 6) Como está organizado o seu trabalho nesta Unidade escolar?
- 7) Como é a comunidade da escola?
- 8) Existem colaboradores que não pertencem ao corpo docente e discente da escola?

- 9) Descreva esta instituição: número de alunos atendidos, número de professores e funcionários, estrutura física e histórica do nome e da fundação da instituição.
- 10) Descreva a clientela (discentes) atendida por esta instituição?
- 11) Quais são os principais desafios para manter harmonia entre os discentes?
- 12) Quais são os problemas que você e os docentes enfrentam para manter a disciplina? Como a escola procede em situações de indisciplina?
- 13) Como é tratada a questão de gênero nesta instituição?
- 14) O currículo e os materiais pedagógicos contemplam o tema diversidade sexual e de gênero? De que forma?
- 15) Existem alunos que se identificam ou são identificados como homossexuais ou transexuais?
- 16) Há situações de homofobia, transfobia, preconceito e discriminação entre os discentes?
- 17) Como a equipe pedagógica se posiciona diante desses acontecimentos?
- 18) Como as famílias lidam com os filhos que não são heterossexuais, buscam ajuda junto a escola quando não conseguem conduzir a situação?
- 19) De que forma a escola ajuda os pais a conduzir a situação?
- 20) A equipe pedagogia tem formação específica e se sente preparada para lidar com as questões de gênero?

APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO PARA SUPERVISORA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE

Prezada supervisora este questionário tem o objetivo de investigar o funcionamento da escola, clientela, comunidades escolar, as questões sobre gênero, homofobia e sexualidade, e como a equipe pedagógica se posiciona diante das situações de preconceito e homofobia na instituição. Fique a vontade para responder e seja sincera em suas respostas. Essas informações serão utilizadas como eixo norteador de trabalho apresentado para um curso de especialização. Suas respostas serão confidenciais, e sua identidade será preservada. Obrigada.

Cursista: Maria de Fátima Teixeira de Carvalho

- 1) Há quanto tempo você atua como vice-diretora nesta escola?
- 2) Qual a sua formação?
- 3) Por que escolheu esse trabalho?
- 4) Quais são para você as principais responsabilidades de uma supervisora escolar?
- 5) Quais são os aspectos positivos e negativos do trabalho da sua função?
- 6) Como está organizado o seu trabalho nesta Unidade escolar?
- 7) Como é a comunidade da escola?
- 8) Existem colaboradores que não pertencem ao corpo docente e discente da escola?

- 9) Descreva esta instituição: número de alunos atendidos, número de professores e funcionários, estrutura física e histórica do nome e da fundação da instituição.
- 10) Descreva a clientela (discentes) atendida por esta instituição?
- 11) Quais são os principais desafios para manter harmonia entre os discentes?
- 12) Quais são os problemas que você e os docentes enfrentam para manter a disciplina? Como a escola procede em situações de indisciplina?
- 13) Como é tratada a questão de gênero nesta instituição?
- 14) O currículo e os materiais pedagógicos contemplam o tema diversidade sexual e de gênero? De que forma?
- 15) Existem alunos que se identificam ou são identificados como homossexuais ou transexuais?
- 16) Há situações de homofobia, transfobia, preconceito e discriminação entre os discentes?
- 17) Como a equipe pedagógica se posiciona diante desses acontecimentos?
- 18) Como as famílias lidam com os filhos que não são heterossexuais, buscam ajuda junto a escola quando não conseguem conduzir a situação?
- 19) De que forma a escola ajuda os pais a conduzir a situação?
- 20) A equipe pedagogia tem formação específica e se sente preparada para lidar com as questões de gênero?

APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE

Prezado professor (a) este questionário tem o objetivo de investigar a importância do papel do professor frente a homofobia na escola e as questões que tangem a sexualidade. Fique a vontade para responder e seja sincero (a) em suas respostas. Essas informações serão utilizadas como eixo norteador de trabalho apresentado para um curso de especialização. Suas respostas serão confidenciais, e sua identidade será preservada. Obrigada.

Cursista: Maria de Fátima Teixeira de Carvalho

Sexo: () Masculino () Feminino

Escolaridade: () Graduado () Pós-graduado () Mestre

Em qual área: _____

- 1) Há quanto tempo você atua nesta escola?
- 2) Qual a sua formação?
- 3) Por que escolheu esse trabalho?
- 4) Como é tratada a questão de gênero nesta instituição?
- 5) Durante a sua formação você recebeu alguma preparação para lidar com assuntos referentes a sexualidade?
- 6) Você se sente adequadamente capacitado (a) para lidar com assuntos referentes a sexualidade no seu dia-a-dia?
- 7) O currículo e os materiais pedagógicos contemplam o tema diversidade sexual e de gênero? De que forma?

- 8) Existem alunos que se identificam ou são identificados como homossexuais ou transexuais?
- 9) Você já presenciou algum tipo de manifestação de preconceito ou discriminação na sua prática docente por parte dos colegas de trabalho?
- 10) Na disciplina em que você ministra, já percebeu conteúdos sexistas em livros didáticos ou na fala dos seus alunos?
- 11) Nesta instituição você percebe a inclusão de todos os alunos sem exceção?
- 12) Há situações de homofobia, transfobia, preconceito e discriminação entre os discentes?
- 13) Como a equipe pedagógica se posiciona diante desses acontecimentos?
- 14) Como as famílias lidam com os filhos que não são heterossexuais, buscam ajuda junto a escola quando não conseguem conduzir a situação?
- 15) De que forma a escola ajuda os pais a conduzir a situação?
- 16) A equipe pedagogia tem formação específica e se sente preparada para lidar com as questões de gênero?

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO PARA OS/AS ALUNOS/AS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE

Prezado aluno (a) este questionário tem o objetivo de investigar o conhecimento que você tem sobre sexualidade e situações de preconceito e homofobia que já vivenciaram. Fique a vontade para responder e seja sincero (a) em suas respostas. Essas informações serão utilizadas como eixo norteador de trabalho apresentado para um curso de especialização. Suas respostas serão confidenciais, e sua identidade será preservada. Obrigada.

Cursista: Maria de Fátima Teixeira de Carvalho

- 1- O que você entende sobre sexualidade?
- 2- Quais as suas principais dúvidas sobre sexualidade?
- 3- Você já sofreu agressões físicas por causa da sua cor de pele, sua forma física ou sua orientação sexual?
- 4- Você já sofreu com apelidos maldosos como gordo, viado, bicha, cabelo de pixaim, carvão, sapatão, entre outros?
- 5- Qual nome ou apelido maldoso já colocaram em você? Pode citar mais de um exemplo.
- 6- Como se sentiu ao ouvir esses apelidos?
- 7- Qual a sua reação ao ouvir tais ofensas?
- 8- Você já pensou em abandonar a escola por causa de tais ofensas?

APÊNDICE H - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE

Eu, Maria de Fátima Teixeira de Carvalho, estudante do curso de pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola – GDE. Estou realizando uma pesquisa que tem por objetivo criar um projeto de intervenção para a mediação dos conceitos referentes à homofobia, sexualidade e diversidade de gênero na escola a partir das dúvidas dos (as) adolescentes e professores (as) sobre os temas.

Para a realização da pesquisa, preciso de sua autorização para que o (a) adolescente sob sua responsabilidade responda um questionário sobre as dúvidas que ele (a) tem sobre os temas. Apenas a pesquisadora e professores (as) das turmas envolvidas nesta pesquisa terão acesso a estas informações. A pesquisa é sigilosa e voluntária. De forma alguma, haverá divulgação do nome do (a) adolescente. Os dados serão tratados em grupo. Informo, ainda, que é garantido o direito de o (a) adolescente desistir da participação da pesquisa a qualquer momento.

Estarei à disposição para sanar eventuais dúvidas a respeito da mesma. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se aceitar que o (a) adolescente sob sua responsabilidade participe do estudo, solicito sua assinatura em duas vias, ficando uma em seu poder e outra via, comigo.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto à pesquisadora e à secretaria da Escola Estadual Pedro Moura, através dos e-mails carvalhoftima@gmail.com e escola.247707@educacao.mg.gov.br ou pelos telefones (33) 3731-2555 e (33) 3731:2170.

APÊNDICE I - CONSENTIMENTO DO/A RESPONSÁVEL PELO/A PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE

Eu, _____,

DECLARO que fui esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pela pesquisadora e CONSINTO a participação e autorizo o uso de imagens/fotos do (a) adolescente

_____,

sob minha responsabilidade, neste projeto de pesquisa, para fins de estudo, publicação em revistas científicas, livros, anais de congresso e/ou em atividades de formação de profissionais.

Araçuaí, MG ____/____/____

Assinatura do/a responsável

Maria de Fátima Teixeira de Carvalho
Aluna de Pós- Graduação do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE

APÊNDICE J - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA – GDE

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) na pesquisa de campo intitulada “Homofobia: Um desafio para a educação” desenvolvida pela aluna do curso de pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola – GDE, pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Professora Orientadora Dr^a Ilana Mountian a quem poderei consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail Ilmountian@yahoo.com.

Afirmo que aceitei participar como voluntário (a), sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para a execução da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é investigar a importância do papel do professor frente a homofobia na escola e as questões que tangem a sexualidade.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de questionário estruturado e entrevista a partir da assinatura desta autorização, cujo conteúdo será analisado. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e sua professora orientadora caso seja necessário. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado (a), poderei contatar a pesquisadora responsável através do telefone (33) 3731- 2555 ou pelo e-mail carvalhoftima@gmail.com.

A pesquisadora me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Araçuaí, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE K - IMAGENS DAS ATIVIDADES

Foto – 1 Palestra com Marcos servidor da saúde sobre sexualidade, DSTs



Fonte: Fotografia da autora.

Foto – 2 Palestra com Marcos servidor da saúde sobre sexualidade, DSTs



Fonte: Fotografia da autora.

Foto – 3 Palestra com Saulo membro do Grupo da Diversidade



Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 – Alunos durante as atividades



Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 – Uma das professoras que acompanhou as atividades



Fonte: Fotografia da autora.